

# O SUARABÁCTI NO BRASIL DOS SÉCULOS XVII, XVIII E XIX – UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS CORPORA DO LHisPB

Myriam Rossi Sleiman GHOLMIE  
Mestranda em Estudos da Linguagem  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

## RESUMO

*Assentada nos preceitos teóricos da Linguística Histórica, esta pesquisa tem como proposta estudar o fenômeno linguístico suarabácti a partir dos manuscritos que compõem o projeto Léxico Histórico do Português Brasileiro (LHisPB). Para tanto, utiliza-se da ferramenta computacional Lexico3, apta a identificar os casos dessa epêntese vocálica nos corpora de cada Estado integrante do referido projeto. Ademais, tem-se por escopo comparar os resultados obtidos, bem como discutir as diferentes frequências do fenômeno estudado em cada região do país e suas possíveis causas.*

## ABSTRACT

*Focused on the theoretical precepts of Historical Linguistics, this research aims to study the suarabácti linguistic phenomenon from the manuscripts that make up the Brazilian Portuguese Historical Lexicon (LHisPB) research project. For that, we use computational tool Lexico3, this one able to identify cases of this vowel epenthesis in the corresponding corpora to each state that is part of the referred project. In addition to that, we intend to compare the results, and also discuss the different frequencies of the studied phenomenon in each region of the country and its possible causes.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Léxico Histórico do Português Brasileiro. Linguística Histórica. Suarabácti.*

## KEYWORDS

*Brazilian Portuguese Historical Lexicon. Historical Linguistics. Suarabácti.*

*A Língua Nacional é essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada, e livre nos seus próprios movimentos (RIBEIRO, 1933).*

## Introdução

No decorrer dos tempos, o português do Brasil foi influenciado pelos grupos étnicos que compõem sua população, pelas diversas formas de ocupação e povoamento que aqui se sucederam, entre outros fatores. As particularidades dessa língua, portanto, não podem ser estudadas à parte das questões de natureza histórica e social da formação do povo brasileiro.

Para Faraco (2005: 31), o estudo da língua em uma perspectiva histórica exige que se encare sua realidade heterogênea, bem como que se rompa com a imagem da língua cultivada pela tradição gramatical homogeneizadora de sua existência. O linguista aduz, ainda:

Cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que a fala: como ele se constituiu, como é sua posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente, quais seus valores e visão de mundo, quais suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação, e assim por diante (FARACO, 2005: 32).

Em situações especiais, como na ausência de outros meios de registro, o resgate das palavras que compõem documentos históricos possibilita a busca pela história sociocultural da sociedade, pois, por meio do léxico histórico, pode-se apreender o “universo natural e antropológico”

perpetuado e registrado pela escrita (ISQUERDO; OLIVEIRA, 2001).

Nesse sentido, o presente artigo permite uma visita à realidade sociohistórica concernente ao Brasil dos séculos XVII, XVIII e XIX, a partir do interesse científico pelo estudo de um processo fonético-fonológico específico, denominado suarabácti ou anaptixe.

Até hoje, como se sabe, especialmente na fala coloquial, muitos encontros consonantais são desfeitos naturalmente pela inserção de uma vogal suarabáctica. É o que se dá, por exemplo, em construções como *adivogado* (*advogado*), *obisservar* (*observar*), *peneu* (*pneu*), que evidenciam uma falta de correspondência entre os sistemas oral e escrito.

Ocorre que tal fenômeno, típico da linguagem oral, remonta a antigos manuscritos reunidos pelo projeto de pesquisa Léxico Histórico do Português Brasileiro (LHisPB), razão pela qual vislumbrou-se a necessidade de analisá-lo nesse contexto.

Sendo assim, este trabalho tem como mote o estudo dessa epêntese vocálica especial, com base nos registros do aludido projeto, tendo por escopo realizar um cotejo dos resultados obtidos em cada Estado e investigar a motivação das diferenças potencialmente encontradas.

## 1. Sobre o LHisPB e a obtenção de dados

O projeto de pesquisa Léxico Histórico do Português Brasileiro (LHisPB), coordenado pela Professora Vanderci de Andrade Aguilera da Universidade Estadual de Londrina, integra o projeto de pesquisa interinstitucional Para a História do Português Brasileiro (PHPB), que, sob a coordenação do Professor Ataliba Teixeira de Castilho da Universidade de São Paulo, tem como proposta geral descrever o português do Brasil.

Sinteticamente, o LHisPB pretende apresentar todo o conteúdo lexical de documentos manuscritos oficiais (correspondências eclesiásticas, notariais, cartas ao governo, entre outros) e de caráter coloquial (familiar ou pessoal), datados dos séculos XVII, XVIII e XIX, provenientes de

diversos Estados brasileiros, a partir da transcrição e edição realizadas por equipes regionais.

Importa referir que o presente estudo utilizou como base para cotejo os dados que integram os léxicos históricos da Bahia (LHisBA), Paraíba (LHisPB), Paraná (LHisPar), Pernambuco (LHisPE), Rio de Janeiro (LHisRJ), Rio Grande do Norte (LHisRN), Rio Grande do Sul (LHisRS) e São Paulo (LHisSP), compostos da seguinte forma:

QUADRO 1: Constituição do *corpus* de pesquisa

ESTADO	Nº DE DOCUMENTOS	Nº DE FORMAS DOCUMENTADAS
BAHIA	23	3.424
PARAÍBA	203	4.390
PARANÁ	437	14.266
PERNAMBUCO	44	4.126
RIO DE JANEIRO	129	9.023
RIO GRANDE DO NORTE	86	4.460
RIO GRANDE DO SUL	321	4.814
SÃO PAULO	34	5.460
<b>TOTAL</b>	1277	49.963

Fonte: dados do LHisPB (elaborado pela autora).

Apesar de constituídos em sua maioria de documentos oficiais, é evidente que os *corpora* do LHisPB possuem ortografia e gramática muito afastadas das formas padrão ou da gramática normativa. Grande parte desses textos parece corresponder à língua falada pelos habitantes do país nos tempos de Colônia e Império; seus autores, denominados escribas, muitas vezes demonstram não ter a habilidade gráfica e gramatical esperada de profissionais da escrita.

É oportuno lembrar que a ortografia aqui referida oscila entre os períodos fonético e pseudoetimológico. Segundo Coutinho (1974), o período fonético tem seu início com os primeiros documentos redigidos em português e é caracterizado pela ausência de padrão uniforme na transcrição das palavras. Acrescenta, ainda, o autor, a respeito dessa fase:

Às vezes, num documento, aparecem os mesmos vocábulos grafados de modo diferente. Para isso, concorriam as diferenças regionais que deram em resultado o sincretismo das formas, a influência embora pequena do latim, a negligência dos autores e copistas, e, em alguns casos, a grafia castelhana. O que, porém, não se pode negar é a tendência manifestamente fonética do sistema então em uso. Escrevia-se não para a vista, mas para o ouvido (COUTINHO, 1974: 71-75).

De outro vértice, o período pseudoetimológico, inaugurado pelos primeiros tratados de ortografia, é reconhecido pelo respeito às letras originárias das palavras, ainda que não simbolizem valor fonético algum (COUTINHO, 1974: 71-75).

Considerando as peculiaridades de uma ortografia híbrida patente no Brasil até o século XIX, esta pesquisa recorreu a um *corpus* formado por 1277 documentos manuscritos correspondentes aos léxicos históricos estaduais.

A coleta dos dados analisados sucedeu aos seguintes procedimentos relativos aos manuscritos: digitalização, transcrição como edição semidiplomática em um bloco de texto no formato “.doc”, conversão do arquivo para o formato “.txt” e submissão ao programa *Lexico3* – ferramenta computacional que possibilita a seleção das ocorrências de suarabácti.

Importa ressaltar que, para a lição segura dos manuscritos antigos, foram adotados os critérios de edição baseados nas normas de transcrição estabelecidas por MEGALE et alii (2001), cujo objetivo é aproximar o texto de sua gênese ao mesmo tempo que elucida os problemas de compreensão. Nesse sentido, o texto original passa por um processo de uniformização gráfica restrito ao descolamento de palavras e desdobramento de abreviaturas, que não interfere nas variantes morfológicas, sintáticas e lexicais e origina a edição semidiplomática.

Quanto ao programa computacional Lexico3, vale esclarecer que se trata de um software desenvolvido na Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris 3, pela equipe CLA2T, que permite:

- i) balizar livremente o texto a ser analisado, determinando e distinguindo as partes do texto previamente digitalizado;
- ii) determinar o tamanho do contexto de um segmento a ser pesquisado;
- iii) fazer o levantamento das ocorrências do segmento, indicando a distribuição das palavras dentro do texto;
- iv) exibir as concordâncias;
- v) apresentar, por meio de gráficos, as frequências relativa e absoluta de uma palavra (AGUILERA; ALTINO, 2013).

As etapas supramencionadas possibilitaram a constatação de inúmeros casos de variação, oscilação e liberdade nas escolhas, concordâncias e colocações feitas durante a produção dos textos aos quais se dirige este estudo, entre eles os decorrentes da incidência do suarabácti.

## **2. Suarabácti: contexto e origem**

Consoante as lições de Coutinho (1974: 147), suarabácti é a epêntese especial que consiste em desfazer um grupo de consoantes

pela intercalação de uma vogal (por exemplo: *grupa* (<*kruppa*) > *garupa*; *bratta* (<*blatta*) > *barata*; *frevrairo* (<*febrariu* por *februariu*) > *fevereiro*; *cangrejo* (<*cranguejo*) > *caranguejo*).

De acordo com Collischonn (2004: 62), os vocábulos originados do latim, germânico e outras línguas podiam conter consoante em posição final de sílaba. Todavia, por intermédio de uma variedade de processos históricos, o português arcaico reduziu ou eliminou sílabas fechadas por consoantes obstruintes. Apesar disso, após um processo tardio de empréstimo, essas formas voltaram a fazer parte do léxico português e têm sido objeto de modificação pelo português brasileiro, que tende a transformar sílabas fechadas (CVC) em abertas (CVCV).

Sobre o tema, LEE (1993: 849) afirma que a vogal é inserida configurando o suarabácti – embora na forma ortográfica não seja realizada – para evitar as estruturas silábicas não-possíveis: “no português falado, em caso de eufonia, parece que há uma tendência a se guardar a forma CV, para evitar dificuldades na pronúncia”.

A propósito, vale mencionar alguns dos inúmeros fatos linguísticos que podem estar relacionados à ocorrência do suarabácti no português brasileiro: a analogia, que opera no sentido da uniformidade por meio das forças imanente e criadora (MELO, 1967: 244); a dissimilação, ou seja, a diversificação de um fonema por já existir fonema semelhante na palavra (COUTINHO, 1974: 144); a harmonização vocálica (BISOL, 1981: 259), decorrente do processo de assimilação; a influência das consoantes que acompanham a vogal epentética; a interferência das sílabas tônicas, entre outros.

E qual seria a origem desse processo fonético-fonológico verificado no Brasil? Em terras ultramarinas, o português foi inserido em meio ao século XVI e, a partir de então, apresentou inovações. Amostra dessas mudanças, como observa Teyssier (2001: 103), é a eliminação de grupos consonantais presentes em vocábulos de origem erudita (ex.: *admirar*, *advogado*, *observar*, *psicologia*, *ritmo*) pelo surgimento de um *i* ou um *e*: *adimirar*, *advogado ou adevogado*, *obisservar*, *pissicologia*, *ritimo*.

No que tange ao contexto social em que se nota a anaptixe, Câmara Júnior (1977: 57) reconhece a existência de uma tendência a minimizar sua emissão no uso da língua padrão. Em oposição, LEE (1993) defende que a vogal suarabáctica está presente no português brasileiro, inclusive entre as pessoas cultas, como uma forma de evitar a combinação de sons desagradáveis aos ouvidos; argumento corroborado por NOLL (2008: 228), que sustenta – amparado em cartas oitocentistas redigidas por autoridades e em textos literários – que essa epêntese sempre fez parte da fala de pessoas instruídas. Sobre a controvérsia, ilustra Silva Neto (1986: 163):

É igualmente fruto da pronúncia relaxada a interposição de uma vogal suarabáctica para desfazer certos grupos consonânticos: *obter* (*obter*), *adevogado* (*advogado*), *indignar-se* (*indignar-se*), *abissoluto* (*absoluto*), *Edigar* (*Edgar*), etc. Mesmo um bom poeta romântico, como Gonçalves Dias, se deixou levar por essas pronúncias, a ponto de escandir *adimirar* (com quatro sílabas) e *obiserva* (com quatro sílabas):

*Grata estação dos amores,*

*Abrigo dos que o não tem,*

*Deixa-me ouvir teus cantores,*

*Admirar teus verdores*

(Poesias, I, 64)

*Ninguém mais observa o tratado,*

*Ninguém menos de p'rigos se aterra,*

*Ninguém corre aos acenos da guerra*

*Mais depressa que o bom lidador!*

(Poesias, I, 26)

Outrossim, merece destaque a discussão acerca da origem do fenômeno em exame no português brasileiro. No seu compêndio relativo à história da língua do Brasil, Melo (1981: 17-18) enfatiza a influência

dos índios – cuja principal língua era o tupi, falado no Brasil até o século XVIII por indivíduos que adotaram o novo idioma sem poder dominar suas minúcias totalmente – e dos negros – que também modificaram o português europeu, especialmente os feitores e as mucamas, responsáveis pela criação dos “sinhozinhos”. Houve, ainda, elementos unificadores da língua: “as ondas linguísticas oriundas da metrópole, o meio mais culto, as escolas, a língua escrita e o contato com pessoas instruídas”.

Estritamente, no tocante ao suarabácti, muitos autores filiam-se à tese de que se trata de um fenômeno de procedência africana, a exemplo de Mendonça (1948 *apud* MELO, 1981: 81-82), que foi o primeiro a justificá-lo a partir da hipótese do tratamento semelhante que sofreram os grupos consonânticos entre os angolenses em: *Cláudio* > *Culáudio*, *Clemente* > *Quelemente*, *flor* > *fulô*, *Rodolfo* > *Rodolfo*, *Cristóvão* > *Kirisobo*, *Cristina* > *Kirixina*.

Por outro vértice, apesar de **não** julgar a anaptixe um traço fonético específico do elemento negro, Elia (1979: 241) postula ser a epêntese decorrente de um adstrato afro-índio, nos seguintes termos:

É sabido que tanto indígenas como africanos tendiam a desfazer os grupos consonantais, praticando anaptixes ou suarabáctis. P. ex.: *fulô* (por *flor*), africanismo; *curuçu* (por *cruz*), indigenismo. Isto é, tendiam os falantes negros ou vermelhos para uma estrutura fonotática de sílabas abertas, o que, naturalmente, valorizava as vogais e não as consoantes.

Entretanto, ao revés da tese amplamente propagada de que essa dissolução de grupos consonantais seja fruto apenas da influência das línguas africanas e indígenas, outra corrente de pensamento pugna pelo reconhecimento de que essa epêntese vocálica ocorre desde os primórdios da história do português e pode ser reconhecida, inclusive, no português europeu (NOLL, 2008: 228).

Nessa perspectiva, Melo (1981: 113-117) recorre ao dialeto interamnenso de Portugal para demonstrar que muitos casos de suarabácti, que poderiam ser considerados formas populares “brasileiríssimas, deturpadas talvez pelos negros ou pelos índios”, evidenciam que a “língua brasileira” é demasiadamente portuguesa. São eles: *felor* (*flor*), *pelanta* (*planta*), *afelito* (*aflito*), *reculuta* (*recruta*), *quelemente* (*clemente*), *gurunata* (*gravata*), *afelegir* (*afligir*), *felauta* (*flauta*), *querêdo* (*credo*), *guelora* (*glória*).

Ainda quanto à anaptixe no português de além-mar, é pertinente a constatação de Coutinho (1974: 147), que relaciona as seguintes composições presentes em Portugal: *carônica*, *carapinteiro*, *carapichoso*, *côngoro*, *peregalhas* e *caracunda*; e atesta, de uma vez por todas, que a origem de tal epêntese não se deu em uma via única. É nessa linha que Câmara Júnior (1985:30-31) arremata a questão:

[...] as discrepâncias de língua padrão entre Brasil e Portugal não devem ser explicadas por um suposto substrato tupi ou por uma suposta profunda influência africana, com se tem feito às vezes. Resultam essencialmente de se achar a língua em dois territórios nacionais distintos e separados. [No português do Brasil] podem ter atuado substratos indígenas, não necessariamente o tupi, e os falares africanos, na estrutura fonológica e gramatical. Também se verificaram, por outro lado, sobrevivência de traços portugueses arcaicos, que não se eliminaram de áreas isoladas ou laterais em relação às grandes correntes de comunicação da vida colonial. A imensa vastidão do território e as modalidades de uma exploração intermitente e caprichosa já propiciava, aliás, por si só, uma complexa dialetação.

Diante do exposto, é possível depreender que o suarabácti no Brasil teve sua gênese a partir de caminhos ecléticos, que situaram a epêntese na fala e na escrita de pessoas mais ou menos instruídas, cujas

origens remontam às diversas etnias formadoras da língua do Brasil – “substancialmente a mesma de Portugal, mas enriquecida e ajeitada ao temperamento e à sensibilidade brasileira” (MELO, 1967: 138).

### 3. A frequência de casos de suarabácti no LHisPB e suas possíveis causas

A submissão dos dados do LHisPB ao programa computacional *Lexico3*, conforme já mencionado, propiciou a construção do rol de ocorrências de suarabácti, que pode ser visualizado na sequência.

QUADRO 2: Casos de suarabácti nos corpora do LHisPB

UF	FD-F (FP)*	Nº DO DOCUMENTO	ORIGEM	ANO
BA	indguina-1 (indigna)	11	Cachoeira	1829
PE	abisolvição-1 (absolvição)	2/2	Recife	1704
PE	arithemetica-1 (aritmética)	4/10	Recife	1805
PE	obite-1 (obste)	4/15	Lisboa	1813
PR	adejunto-1 (adjunto)	318/482	Antonina	1821
PR	ademenistrador-1 (administrador)	56/107	Curitiba	1817
PR	ademenistrando-1 (administrando)	59/112	Curitiba	1819
PR	ademetir-1 (admitir)	196/298	Castro	1817
PR	adeministracão-1 (administração)	309/472	Antonina	1819
PR	adeministracão-1 (administração)	126/208	Guaratuba	1811

\* Forma Documentada-Frequência (Forma Padrão)

PR	adeministrador-1 (administrador)	21/50	Curitiba	1798
PR	adeministradores-2 (administradores)	21/49, 50	Curitiba	1798
PR	adeministre-1 (administre)	84/154	Guaratuba	1791
PR	ademitem-1 (admitem)	18/41	Curitiba	1797
PR	ademoestando-1 (admoestando)	399/661	Paranaguá	1799
PR	adevertem-1 (advertem)	185/286	Castro	1808
PR	adevertidos-1 (advertidos)	420/700	Paranaguá	1803
PR	adevirta-1 (advirta)	236/351	Paranaguá	1815
PR	adevogar-1 (advogar)	198/300	Castro	1818
PR	adiministrador-1 (administrador)	21/47	Curitiba	1798
PR	benignidade-1 (benignidade)	417/696	Paranaíba	1802
PR	coadejetor-1 (coadjutor)	431/726	Paranaguá	1803
PR	inadevirtida-1 (inadvertida)	326/551	Paranaguá	1815
PR	obeservancia-1 (observância)	296/458	Antonina	1812
PR	obetenha-1 (obtenha)	4/12	Curitiba	1764
PR	recultas-2 (recrutas)	334/566, 335/569	Paranaguá	1818
PR	subscrevy-1 (subscrevi)	423/709	Paranaguá	1800

PR	subistenssia-1 (subsistência)	117/198	Guaratuba	1805
PR	supellicante-1 (suplicante)	4/7	Curitiba	1764
RJ	adevirto-1 (advirto)	22/2	Pernambuco	1794
RJ	admissão-1 (admissão)	67/7	Rio de Janeiro	1819
RJ	diginidade-1 (dignidade)	98/2	Rio de Janeiro	1836
RN	adevertenssia-1 (advertência)	142	Natal	1713
RN	adevirtido-1 (advertido)	139	Natal	1713
RN	sobescrevi-1 (subscrevi)	106	Natal	1788
RN	supilicamos-1 (suplicamos)	106	Natal	1788
RS	ademirarão-1 (admirarão)	7092	São José do Norte	1839
RS	adivertindo-1 (advertindo)	7175	São Borja	1840
RS	espelicar-1 (explicar)	7092	São José do Norte	1839
RS	indiguinação-1 (indignação)	7051	Cruz Alta	1841
RS	obecervação-1 (observação)	7092	São José do Norte	1839
RS	quadejuvação-1 (coadjuvação)	7071	São José do Norte	1839
RS	quadejuvar-2 (coadjuvar)	7046	Campo no Município (sic)	1841
SP	ademenistração-1 (administração)	4	São Paulo	1791

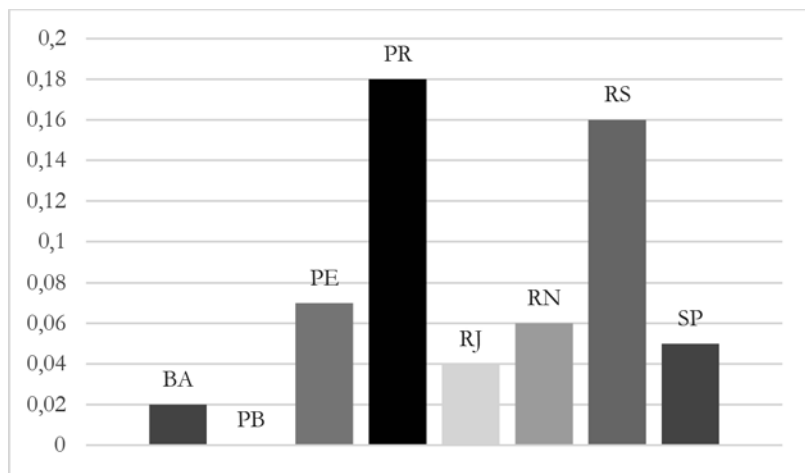
SP	cabocolos-1 (caboclos)	3	São Vicente	sem data
SP	diguno-1 (digno)	13	Itapeva	1848

Fonte: dados do LHisPB (elaborado pela autora).

Os dados enquadrados acima demonstram que a epêntese vocálica examinada teve uma frequência significativa na escrita do Brasil de outrora. Entretanto, é importante ressaltar que o fenômeno se deu de maneira desigual nas diferentes regiões brasileiras.

Para uma real noção da distribuição da fenômeno em comento em toda coletânea de documentos analisada, apresenta-se a seguir um gráfico com a porcentagem que representa o número de ocorrências do suarabácti em relação ao número de formas documentadas em todos os *corpora* analisados.

GRÁFICO ÚNICO: Proporção de casos de suarabácti nos corpora do LHisPB (%)



Fonte: dados do LHisPB (elaborado pela autora).

Um primeiro ponto que ganha relevo ante ao gráfico supra é o fato de o conjunto de documentos da Paraíba não apresentar suarabácti. Por outro lado, há que se registrar a preponderância das ocorrências do fenômeno nos *corpora* do Paraná e do Rio Grande do Sul em relação aos demais.

Qual seria a razão dessa disparidade entre os léxicos estaduais examinados, no que se refere ao suarabácti? Um primeiro elemento relevante para tal reflexão é o desenvolvimento tardio da Região Sul do país. Sobre o assunto, traz à baila Teyssier (2001: 94):

[...] em todo período de colônia o Brasil permanece um país essencialmente rural. As duas capitais sucessivas – Salvador, depois, a partir de 1763, Rio de Janeiro – e algumas vilas de importância média com que conta a colônia preenchem apenas funções políticas, administrativas e religiosas: o seu papel intelectual e cultural é dos mais limitados. O Brasil não possuía nenhuma universidade (os jovens brasileiros vão formar-se em Coimbra) nem tipografia.

No mesmo sentido, ao tratar dos primeiros centros de desenvolvimento do Brasil (situando Rio de Janeiro e São Paulo no sul no país), afirma Câmara Júnior (1985: 26):

Foram três os primeiros grandes centros de colonização no litoral brasileiro: Pernambuco, no norte; a Bahia, mais abaixo. E, um pouco depois, o Rio de Janeiro, já francamente no sul. Mais tarde aparecem o Maranhão, ainda mais ao norte, e São Paulo, ainda mais ao sul.

Por conseguinte, é plausível a conjectura de que, estabelecidos em territórios distantes dos grandes centros de colonização brasileiros dos séculos XVII, XVIII e XIX, os escribas paranaenses e gaúchos

estariam isolados do ensino da língua portuguesa e de sua unidade. Além disso, poderiam nesse contexto ser mais suscetíveis à ingerência das línguas indígenas e africanas, relacionadas ao aparecimento de casos de suarabácti, conforme já relatado.

Outra hipótese que este estudo não poderia descartar – após todo aporte teórico referido anteriormente – é a maior incidência do suarabácti no Paraná e no Rio Grande do Sul em virtude da influência de dialetos portugueses nos quais o fenômeno estaria inserido como parte da fala de pessoas até mesmo letradas. Afinal, o sul do país pode ter sido o destino de portugueses oriundos de regiões onde formas populares brasileiras marcadas pela epêntese nasceram e tinham aceitação social, daí sua reprodução na escrita. Por que não?

## Conclusão

Esta pesquisa procurou demonstrar, a partir dos documentos históricos do projeto LHisPB, que o suarabácti não está restrito à oralidade, mas também foi transposto para o meio escrito pelas mãos de pessoas que, em razão do cargo que exerciam, estariam aptas a fazer a distinção entre os dois meios de expressão.

Com base nos resultados obtidos e na aplicação da fundamentação teórica, inferiu-se que, quanto ao processo fonético-fonológico estudado, os léxicos históricos dos Estados apresentam relevantes diferenças entre si, fruto de processos históricos e socioculturais que merecem ser considerados.

Por derradeiro, pode-se afirmar que o fenômeno estudado esteve presente durante a evolução do português brasileiro em razão de diversas influências e nas mais variadas circunstâncias. Em síntese:

O suarabácti no português pode ser compreendido sob uma perspectiva pancrônica, uma vez que está atestado na história da língua portuguesa, caracterizando-se como um típico fenômeno em variação (ROMANO; SEABRA, 2014).

## Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTINO, Fabiane. **Léxico Histórico Do Português Brasileiro**: estágio atual. 2013. Disponível em: <<http://www.atilf.fr/cilpr2013/programme/resumes/b225a8e642c9b7cc320596ee2129e65b.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

BISOL, Leda. **Harmonia Vocálica**: uma regra variável. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

COLLISCHONN, Gisela. 2004. **Epêntese vocálica e restrições de acento no português do Sul do Brasil**. Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 7, n. 1, p. 61-78, 2004.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ELIA, Sílvio. **A unidade linguística do Brasil** (condicionamentos geoeconômicos). Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.

LEE, Seung-Hwa. **Epêntese no português**. In: Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, Ribeirão Preto, 1993. Anais... Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, 1993. p. 847-854.

MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli; OLIVEIRA, Gilvan Muller de; MODOLO, Marcelo; FERREIRA, Permínio Souza; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida; LOBO, Tânia Freire; KLAMT, Valdemir. **Normas para a transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil**. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virginia (org.). Para a história do português brasileiro. São Paulo: Humanitas, 2001, v. II, p. 535-538.

MELO. Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

\_\_\_\_\_. **Iniciação à Filologia Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contrastes**. Tradução de Mario Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

**Para uma História do Português do Brasil**. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/phpb-rj/index.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

RIBEIRO, João. **A Língua Nacional**. São Paulo: Nacional, 1933.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. **Estudo de vogais suarabácticas na fala de paranaenses e paulistas sob uma perspectiva estatística e sociodialetoológica**. 2014, no prelo.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em 10/10/2016 e aceito em 06/12/2016